

## ASAS

Katherine G. Bond

Miranda Jane Lonneker, de dez anos e oito meses, olhava fixamente para os aeromodelos pendurados no teto do quarto de seu irmão. Empoleirado em seu ombro, o pintassilgo Chester acompanhava o olhar dela.

George não queria a presença da irmã em seu quarto, principalmente quando ele estava ausente.

– A culpa é dele – disse Miranda a Chester. Se tivéssemos comprado presentes de Natal na loja de R\$ 1,99.

George havia se esquecido dessa tradição anual. Havia resolvido sair com a “turma”, a última diversão para encerrar o ano de 1936. Ela quis ir também, mas os amigos de George lançaram-lhe “aquele olhar”.

– Talvez em outra ocasião, irmãzinha - disse George.

– Outra ocasião... – ela repetiu, zangada.

Chester encostou a cabeça sedosa no rosto dela parecendo entender. Dois verões atrás, ela havia salvado Chester do gato do vizinho. Sua asa ferida ficou torta depois de curada, e agora ele voava de maneira estranha, como se estivesse fazendo uma acrobacia.

Miranda tocou o Curtiss Jenny, um avião biplano de dois lugares, modelado à mão. Era seu favorito, apesar de estar sem asas. George ainda estava aguardando a chegada delas.

No quinto aniversário de George, seu tio, um político em campanha na zona rural, o levou para dar uma volta em um Jenny na companhia do pai, enquanto a mãe estava distraída.

Alguém tirou uma fotografia no momento do pouso: George dando gritos de satisfação, erguendo a mão fechada; a mãe com ar zangado. Depois daquele glorioso vôo, a mãe nunca mais permitiu que o marido e George voassem. Dois meses depois, George disse que o governo havia proibido o Jenny de voar por falta de segurança.

O tio presenteou George com aquele modelo do Jenny, prometendo que traria as asas na próxima viagem. Mas nunca houve a próxima viagem.

Em todos os seus aniversários, George aguardava o “tio piloto” e falava tanto dele que um dia a mãe exclamou:

– Seu tio é um louco varrido!

George nunca mais falou do “tio piloto”. Mas o Jenny continuou pendurado acima da cômoda de George, como se fosse um pássaro preso por um clipe.

George contou tantas vezes a Miranda sobre o dia em que se apaixonou pelo avião que ela também foi tomada por essa paixão.

Secretamente, ela acalentava o sonho de voar, como Amélia Earhart, mas a mãe dizia que isso não era apropriado para uma dama.

Talvez Miranda não estivesse triste por George ter-se esquecido da troca de presentes.

– Ele nunca me daria o que eu quero de verdade – ela disse a Chester, girando a hélice de Jenny. – Ele nunca me daria este aqui.

Naquele exato momento, George entrou no quarto.

– Miranda, sua chorona, tire as mãos do meu Jenny!

Miranda sentiu o rosto arder.

– Além de me seguir por toda parte, você passou agora a mexer em meus aviões todas as vezes que eu saio de casa.

Miranda saiu correndo do quarto com Chester agarrado ao seu ombro.

Talvez George tivesse esquecido o presente, mas ela e Chester não se importariam. Miranda esperava que o irmão ficasse sem graça quando ela entregasse o presente dele.

O jardim estava coberto por poças de lama. Não houve neve no Natal, apenas o céu cinzento da região Noroeste. O portão estava pendurado por uma dobradiça; a tinta descascou um pouco mais assim que Miranda o abriu para sair. A grade descascada causava certo embaraço à mãe, mas tinta e ferragem custavam dinheiro.

Chester ia voando atrás de Miranda quando ela passou pela estação ferroviária.

– Olá!

Miranda olhou ao redor.

– Você se chama Miranda, não?

A voz vinha de um homem com chapéu de palha sentado na calçada da estação. Um de seus olhos era azul da cor do céu, e o outro, de vidro. Ele estava cortando alguma coisa com um canivete.

– Olá, senhor – disse Miranda, lembrando-se das boas maneiras. – Acho que não sei o seu nome.

– Meu nome? – ele disse, olhando para o céu. – É Jack, senhorita. Eles costumavam me chamar de Jack Valentão, mas agora sou só Jack.

– Prazer em conhecê-lo, Sr... Jack. – O nome não lhe dizia nada, mas ele a chamara de Miranda. – O senhor é daqui da redondeza?

– Pertença ao lugar que o trem me levar. Belo passarinho esse aí. Como se quisesse ver o homem mais de perto, Chester deu um gorjeio e pousou no joelho de Jack. Jack empinou a cabeça e imitou o passarinho.

– Você não está pensando em vendê-lo, está? – ele perguntou.

– Vender Chester? Seria mais fácil eu vender meu irmão.

Jack riu. Chester pulou para sua mão.

– O senhor tem jeito para lidar com passarinhos – disse Miranda, apoiando-se no outro pé. – Chester não costuma ficar perto de pessoas estranhas.

– Os pintassilgos são meus favoritos. Mas este aqui tem algo especial. – Jack passou o dedo na asa torta de Chester. – Talvez porque temos alguma afinidade.

Jack entregou o passarinho a ela. Miranda pegou-o na palma da mão e colocou-o dentro do casaco.

– Acho melhor eu ir embora – ela disse.

– Também acho. – Jack voltou a trabalhar com o canivete. – Mas não se esqueça de contar a seu irmão George que Jack voltou.

Miranda parou.

– George não é um irmão muito bonzinho – ela deixou escapar.

– Ah! – O olho sadio de Jack brilhou. – É isso que ele está querendo – disse o homem, levantando a peça na mão.

Eram as asas!... as asas do avião biplano... as asas do Jenny!

Miranda respirava ofegante.

– Como o senhor sabia? Posso levar as asas?

– Bem, senhorita, essas asas têm um preço. Sim, há sempre um preço para as asas.

– Quanto?

Era muito importante que ela possuísse algo que George tanto queria.

– Quanto você está disposta a pagar?

Pergunta estranha. Miranda foi pega de surpresa. Tirou algumas moedas do bolso. Vinte e sete centavos. Jack sacudiu a cabeça negativamente.

– Não é suficiente.

Miranda irritou-se.

– É tudo o que eu tenho! Limpei o porão um dia inteiro para ganhar esse dinheiro.

– Ah, mas você pode ganhar mais um pouco. – Ele movimentou as asas do avião diante de seu olho sadio. – Quando você voa, não existe mais nada. Só você e o céu. Imagine. Essas asas são fortes o suficiente para se caminhar por cima delas e você está saindo da cabina. Está muito frio, e o vento é forte. Você está se equilibrando para sobreviver. O terreno abaixo estende-se como se fosse um manto, e você quer gritar de alegria. É uma coisa maravilhosa.

Miranda imaginou Jack em pé na asa do Jenny, e a multidão embaixo prendendo a respiração de susto. Ela sentia o mesmo em relação a George: como se ele estivesse em pé na asa acima dela, como se nunca mais pudesse descer.

Jack colocou as asas de lado.

– Você está chorando, senhorita.

Chester encostou a cabeça na face molhada de Miranda.

– O que aconteceu com seu olho? – ela perguntou.

– Digamos que o Jack Valentão não existe mais. – Ele olhou para o céu. – Mas o que houve com seu irmão George? Parece que você não quer que ele voe.

Miranda ergueu a cabeça, assustada.

– Não, eu... não é nada disso. Nem sei se ele gosta de mim.

– Ah, Srta. Miranda, o fato de um homem querer voar não significa que ele nunca vá aterrissar.

Um homem. Seu irmão ainda não era um homem. Ela queria que ele a ajudasse a construir seus castelos e pegar minhocas para Chester. Mas ele só queria estar com os amigos ou no quarto com a porta fechada.

– Eu tive uma irmã – disse Jack. – Ela gostava de mim tanto quanto você gosta de George. Ela gostava tanto de mim que me colocou dentro de uma gaiola, e eu só conseguia enxergar as grades.

Miranda sentiu o coração de Chester batendo.

– E o que o senhor fez?

– Eu voei para longe – ele disse em voz baixa. – Voei para bem longe.

Miranda olhou para as asas do Jenny. As asas têm um preço, Jack dissera. Ela engoliu seco.

– Vamos fazer uma troca? – ela perguntou, beijando as penas macias de Chester. – Trocar asas por asas?

Chester voou para o ombro de Jack, como se o seu lugar fosse ali.

– Venha passar o Natal conosco? – ela disse impulsivamente. – Ninguém deve ficar sozinho no Natal.

Jack acariciou Chester.

– Não estou mais sozinho, estou? Muito obrigado, Miranda, mas eu já fiz o que tinha de fazer por aqui.

Ele colocou as asas nas mãos dela, despediu-se e entrou na estação.

Quando Miranda levou o presente para George, seus olhos arregalaram-se. Ele pegou as asas como se elas tivessem sido retiradas de uma arca do tesouro.

– Como você conseguiu?

– Eu comprei – ela disse – de Jack.

– O tio Jack voltou? Onde ele está?

– Na estação, ele... Acho que ele vai partir no trem noturno.

George olhou para o relógio e atravessou a porta correndo.

Quando George e o viajante entraram em casa, as colheres que a mãe segurava caíram no chão.

– Jack... – ela disse em voz baixa, com os olhos brilhando.

George atravessou a sala e colocou uma caixa no colo de Miranda. Ela levantou a tampa. Lá estava, envolto em uma flanela, o Jenny sem as asas.

Miranda não conseguiu falar. Ela começou a rir. George também riu, uma risada forte quase igual à de um homem. De repente, ela entendeu o significado do amor verdadeiro. O amor dá asas para a pessoa voar.